

## Ainda é possível sonhar..

---

DAVID RAZ (DUDU)

O período do Holocausto foram anos de muita angústia e preocupação em minha casa, pois vivia conosco um tio, Meir, que veio antes da Segunda Guerra da Bessarábia (atual República da Moldávia) ao Brasil sem a mulher e os filhos, que ficaram por lá. Era comum o chefe da família emigrar só, buscar trabalho, para então trazer a família. O irmão de meu pai, Shamaï, casado e com filhos, também não escapou da morte. Soubemos depois da guerra que nenhum deles sobreviveu.

Eu nasci no Rio de Janeiro em 25 de dezembro de 1936, numa família religiosa ortodoxa de classe média baixa. Meu pai trabalhava em três pequenos negócios para poder sustentar uma família de oito pessoas. Foi nestas condições que aos 12 anos saí para trabalhar no subúrbio de Realengo, e lembro que aos domingos íamos, papai, meu irmão Benjamin (Jimico) e eu cobrar dívidas de fregueses que compravam nossa mercadoria à prestação.

Minha família passou verdadeiros momentos de pobreza e penúria que só vim a saber anos mais tarde pela minha mãe, quando vivíamos no *kibutz*. Além de tudo, meus pais tiveram de ajudar dois tios meus nos primeiros anos de suas vidas no Brasil, um deles o tio Meier, que era deficiente físico e morava em nossa casa. Contudo, conseguiram que todos nós estudássemos e minhas duas irmãs fizeram cursos universitários. Uma delas trabalhava de dia e estudava à noite. Talvez não percebesse bem as dificuldades econômicas, era criança e dividia meu mundo entre o lar, o Colégio Talmud Tora, a rua e a sinagoga.

Naquela época, tive a graça de ter dois guias espirituais que iluminaram meu caminho, já que, tendo alma de *chassid*, necessitava (até hoje) de alguém para me ensinar como e aonde seguir: o primeiro foi meu *zeide* (avô), mestre, estudioso e humilde, que nos transmitiu fé e nos ensinou que o estudo é primordial no judaísmo. Religioso ortodoxo, mas não fanático; pelo contrário, sabia contemplar a realidade e conviver com ela em paz.

Quando Jimico se encontrou diante do dilema ir para a *Machon*\* ou ficar no Brasil para ajudar a família, meu avô declarou: “eu não terei a oportunidade de morrer na Terra de Israel, porém meus netos viverão lá”.

Meu segundo guru foi meu saudoso irmão Jimico, a quem segui em vários capítulos importantes da minha vida: ele era inteligente, culto, bem-humorado, batalhador e compreensivo. Tinha apenas 14 anos quando criou um *minian*<sup>120</sup> de jovens, a que deu o nome *Tiferet Bachurim*, que concorria com a sinagoga dos adultos. Quando Jimico decidiu abandonar a religião, ele se meteu em aventuras comunistas. Isto foi em plena ditadura do Estado Novo. Ele participou de uma célula clandestina, trazia literatura considerada subversiva para casa e quase matou minha mãe de preocupação. Seu grande momento ocorreu nos anos 1948-1949, com a declaração do Estado de Israel. Causou uma revolução em casa. Arrastou a todos nós (incluindo nosso avô) para o sionismo.

Foi neste contexto que Jimico que se afastou da religião quando aderiu ao comunismo e decidiu entrar para o Dror. Com o tempo e por iniciativa dele, nossa casa virou uma espécie de albergue para os integrantes do movimento. Morávamos perto do *snif*\* e volta e meia vinham dormir em casa, almoçar ou jantar, sem aviso prévio, o que enlouquecia minha mãe, que tinha de improvisar refeições. Nestes anos, às sextas-feiras à noite e aos sábados, andávamos uns 2,5 km a pé, pois éramos proibidos de tomar condução, de nossa casa para a Biblioteca Bialik, na Praça da República. Íamos ouvir conferências dos *shlichim*\* que chegavam de Israel, cantar e dançar músicas de lá. Minha irmã Billa e eu aderimos também. No início, ia para o Dror de boné. Com o correr do tempo, por influência dos *madrichim*\* e do Jimico, comecei a passar de uma religião a outra, e passaram-se quase três anos até eu abandonar por completo os rituais e costumes judaicos. Esta foi a primeira grande mudança em minha vida, sem crises, pois tudo ocorria no marco judaico. Em nossa família houve uma certa oposição contra o Jimico, que já havia passado no vestibular de Medicina e abandonou os estudos para dedicar-se ao movimento. Minha mãe pressionou, mas Jimico seguiu seu caminho. Não me lembro de situações dramáticas em minha casa, como assisti acontecer em outras famílias, pois meus pais, além de estarem permanentemente ocupados com o sustento da família, eram liberais em relação à nossa educação e conduta. No final, aceitaram o posicionamento do Jimico, pois ele era sério e fazia as coisas com uma convicção que se irradiou por nossa família. Nosso avô, afinal, também aceitou a realidade e a integração ao movimento se tornou mais fácil para mim.

Integrei-me ao movimento aos 13 anos de idade, atraído, a princípio, pelas atividades recreativas e esportivas, pingue-pongue e futebol, que gradativamente substituíram a família, o colégio, a sinagoga e a rua. Porém, os anos mais significativos ocorreram entre os 16 e os 18 anos, no período mais ideológico em que estávamos

<sup>120</sup> Em hebraico, dez. Na religião judaica é necessário um mínimo de dez pessoas do sexo masculino acima dos 13 anos para poder realizar cerimônias e serviços religiosos.

envolvidos pelas famosas “definições”. Devíamos, aos 18 anos, decidir sobre nosso futuro coletivo e individual. Eram questões vitais. Tínhamos que nos posicionar em relação à *aliá*, à profissionalização, e nos definir pela militância integral, no movimento, o que significava viver em comuna (*shituf*). Eram momentos sensíveis, de muita pressão, de “dá ou desce”, pois quem não concordava em fazer *aliá*, estudar uma profissão técnica e atuar no movimento em tempo integral não tinha lugar em nossas fileiras. Isto era feito de uma forma clara e radical. Havia discussões e questionamentos profundos sobre estas questões, principalmente em relação à obrigatoriedade de abandonar os estudos universitários. Alguns decidiram abandonar o movimento, mas me lembro de dois casos em que fomos nós que forçamos a saída. O primeiro foi Aron Shapiro, meu amigo de infância, que jamais perdeu minha atitude radical. O segundo foi Shalom, filho de Uri Zwerling<sup>121</sup>, e aconteceu a mesma coisa. Ambos fizeram aliá e tiveram muito sucesso em suas vidas profissionais.

A “definição” unia os identificados com os objetivos da *tnuá*, encorajava a decisão sobre o caminho certo que deveria assumir um jovem judeu em nossas condições. Tinha muitas dúvidas. Perguntava-me se este era verdadeiramente meu caminho e minha meta final. E se não der certo, o que faremos? Será que nosso ideal socialista não é produto de uma realidade brasileira e não necessariamente de Israel? O que deixo aqui no Brasil? Tem sentido renunciar a oportunidades, carreira, vida fácil e, afinal, a terra onde nasci, que conheço bem, em troca de um destino desconhecido? Será que minha fé e a bagagem que recebi no movimento serão suficientes para começar esta grande aventura?

O sonho era, afinal, a resposta aos anseios íntimos de cada um de nós. Eu via a época e nosso papel nela em termos messiânicos. Nossa missão do movimento era mudar o mundo para criar um mundo novo, igualitário, justo, ético, onde o homem seria o centro. Mudar o homem judeu, trazendo-o de volta à sua terra, para transformá-lo num ser produtivo, trabalhador, forte, rígido e bravo como o *sabra*, enfim, um super-homem. Ajudar a construir um país novo, onde os ideais socialistas e os ditames do coletivo e da história seriam o moto da grande maioria dos que lá vivem. Ser membro do *kibutz*, a materialização de todos os ideais antes mencionados, sem ódios, invejas, sem que haja exploração do homem pelo homem, onde todos se entreguem à causa comum, com entusiasmo, humildade e afinco. Fazer parte da revolução mundial para concretizar os ideais socialistas.

Havia certa simpatia pela União Soviética e pelo comunismo. Apesar da divergência entre a ditadura do proletariado e o socialismo democrático, saudamos a revolução cubana de Castro e Che Guevara, acreditando que o mesmo iria ocorrer em toda a América Latina. Seria o final dos caudilhos e dos ditadores corruptos. Nossa grande rixa com o mundo comunista foi afinal devido à sua posição antissemita de Estado, que ficou comprovada com o assassinato na União Soviética dos médicos judeus em 1952, seguido de seu apoio incondicional ao mundo árabe contra Israel.

---

<sup>121</sup> Veja referência a Uri Zwerling na nota de rodapé nº 85, nas memórias de Avraham Cheinfeld.

## *Aliá para o kibutz Erez*

Nos anos 1959-1960 viajaram para Israel os dois primeiros grupos do oitavo *garin*\* – do qual eu fazia parte. Pela idade, eu deveria me integrar ao primeiro grupo deste *garin*, mas, estando livre de compromissos familiares, pois meu pai havia falecido e minha mãe tinha feito *aliá* para Bror Chail, o movimento decidiu manter-me mais tempo no Brasil em militância integral. Portanto, fiz *aliá* com o terceiro grupo deste *garin*, em 1961, para o *kibutz Erez*.

Tomamos conhecimento dos problemas que afetaram a vida dos dois primeiros grupos do oitavo *garin*, antes mesmo da nossa chegada a Israel. Aqui começou nosso drama. O *kibutz*, sua liderança e *chaverim* não estavam preparados para receber um grupo novo com costumes, idioma, mentalidade e cultura diferentes. Pessoas que renunciaram a muitas possibilidades do seu país de origem, principalmente aos estudos universitários. Os *sabras* do *kibutz Erez* acharam que a dinâmica da vida no *kibutz* e o tempo iriam acabar por nos integrar ao *kibutz*.

Alguns *sabras* do *kibutz* chegaram a nos perguntar por que abandonamos tudo, especialmente os estudos superiores, para vir colonizar um *kibutz* no Neguev. Aquilo foi um choque para nós, que tínhamos expectativas e sonhos em relação à realização no *kibutz*, além da formação ideológica.

Também nos viam como força de trabalho, assim como os grupos de soldados da *Nachal* que passavam uma temporada no *kibutz*. Não houve nenhuma política de absorção social e, portanto, não se criaram laços pessoais entre nós e o membros do *kibutz*. Isto naturalmente provocou um afastamento entre os grupos, nos quais nos fechamos, formando pequenos grupos, com os primeiros problemas de adaptação individual vindo à tona, e, conseqüentemente, o abandono de alguns *chaverim* centrais para o Brasil, com conseqüências funestas para o primeiro grupo e para os que nos sucederam.

Os veteranos de Erez, apesar de serem ótimas pessoas, não souberam agir. Houve uma série de tentativas por parte dos líderes da comunidade, no auge da crise, para encontrar soluções para nossa absorção, mas o estrago já havia sido feito e não quisemos colaborar com as propostas.

Neste contexto, nós também não soubemos como dar a volta por cima, e atuar com tenacidade no sentido de enfrentar e resolver problemas que apareciam. Era importante ultrapassar obstáculos em nome de uma meta maior: o estabelecimento do segundo *kibutz* do movimento brasileiro, um novo desafio para nós.

Também pecamos pela falta de conhecimento e visão, pois a integração é um processo que deve ocorrer lenta e normalmente para qualquer imigrante, e isto leva tempo, anos, com mil obstáculos e problemas no caminho até fazer parte da nova realidade, que é bem diferente daquela que deixamos para trás.

Nossa vida no *kibutz Erez* não foi nada agradável devido ao enorme distanciamento mental e cultural que havia entre *sabras* e brasileiros. Com o decorrer das semanas e meses, esta questão tornou-se irreversível. Nossos *chaverim* tendiam cada vez mais a se atomizar, cuidar de seus problemas, que não eram fáceis, em detrimento do nosso grande sonho.

Não estávamos preparados para nos confrontar com esta realidade nem para pagar o preço da mudança do Brasil para o *kibutz*. Creio que faltou liderança, e vimos nossos sonhos se dissiparem com as primeiras adversidades. A frustração tomou conta de nós, surgiram dúvidas, se realmente valeu a pena, bem como sobre a volta ao *status quo ante* (ou seja, voltar ao Brasil). A crise tomou conta com a volta dos primeiros *chaverim* para o Brasil.

Confesso que tive receio de relembrar este assunto, pois se trata de um dos momentos mais traumáticos na vida de dezenas de companheiros e devido às nefastas consequências que esta crise causou ao movimento.

Por iniciativa nossa, em contato com a liderança de Bror Chail, nosso *garin* decidiu abandonar Erez e dirigir-se a Bror Chail numa tentativa de integração<sup>122</sup>.

## Bror Chail

Num olhar *a posteriori*, a liderança do *kibutz*, que também ocupava a liderança do movimento mundial não viu como prioritária a ajuda e a intervenção na absorção do oitavo *garin* no *kibutz* Erez. Eventualmente, se isto ocorresse, seria possível evitar ou amainar a falta de comunicação entre nós e os *sabras* veteranos de Erez, e ajudaria no entendimento entre os grupos nas suas fases críticas. Independentemente disto e após três anos do início da *aliá* de nosso *garin*, a situação chegou a um beco sem saída, pois nossa motivação de nos integrarmos a Erez se esvaiu. Alguns *chaverim*, eu entre eles, acatávamos a tese de que a única forma de salvar nosso *garin* era frear a debandada de seus integrantes de volta ao Brasil, e nos transferirmos para um *kibutz* que teria condições de nos absorver. Esta lógica nos levou a Bror Chail, com esperança de que fatores como idioma, mentalidade e passado comum nos dariam nova motivação. Alguns *chaverim* se opuseram a esta solução, outros viam nisto uma solução intermediária entre a vida no *kibutz* e uma posterior transferência à cidade em Israel.

O resultado final foi que pouquíssimas famílias do nosso *garin* permaneceram em Bror Chail. Alguns achavam que já, naquele momento, podia-se perceber o prenúncio do que veio a acontecer no movimento kibutziano duas décadas depois, nos anos de 1980. Aos poucos, os *chaverim* do *garin*, de forma diferente, se decepcionaram com Bror Chail e foram abandonando o local. Alguns voltaram para o Brasil e a maioria optou por morar em cidades de Israel. Para mim, isto ocorreu 12 anos mais tarde, quando “caiu a ficha”, com a percepção de que este *kibutz* não era – pelo menos nesta fase de sua existência – a síntese dos valores e princípios que nos guiaram no movimento. A fé que tinha no futuro deste *kibutz* e nos líderes nos quais acreditava e seguia foi se quebrando. Contudo, passei 12 anos em Bror Chail, onde amadureci, me desenvolvi, desfrutei, criei novas amizades, constituí família, dei e re-

---

<sup>122</sup> Nosso *garin* estava composto por pessoas do mais alto nível intelectual, cultural e humano, que não ficou a desejar a nenhum dos *garinim* anteriores do movimento. A grande maioria foi bem-sucedida em suas vidas pessoais, familiares e profissionais, alguns, inclusive, chegaram a preencher respeitáveis posições tanto em Israel como no Brasil.

cebi muito do *kibutz*. A decisão de abandonar não foi fácil. Quando fui comunicá-la ao secretário geral do *kibutz*, Oscar (Chico) Zimmermann<sup>123</sup>, sua primeira reação foi dar uma enorme gargalhada. Como é que eu, que era unha e carne do movimento, entrosado na sociedade do *kibutz*, e que provavelmente deveria ser um dos últimos a apagar as luzes, vinha comunicá-lo sobre minha decisão de abandonar o *kibutz*. Após percorrer 25 anos nesta trilha, desde minha entrada no movimento, esta foi a decisão mais difícil que tomei na minha vida. Foi seguida naturalmente de pressões psicológicas e sociais, por parte de familiares, *chanichim*, *chaverim* e líderes do *kibutz*. Porém, após ter tomado a decisão eu me senti mais íntegro comigo e com minha família, já que estava seguro da minha formação e de que meus valores e princípios faziam parte de mim onde quer que eu me estabelecesse. Por sorte, encontrei um meio de me preparar para uma futura vida na cidade através do *Keren Hayessod*<sup>124</sup>, que me enviou em missão ao México, programada, em princípio, para dois anos, que se estenderam a cinco anos e meio. Posteriormente, veio o convite do presidente mundial da instituição para integrar a direção mundial em Jerusalém, o que aceitei com prazer. Daí em diante, fiz carreira dentro no *Keren Hayessod*, passando por vários cargos centrais da instituição. Devo grande parte do meu sucesso profissional à formação e à bagagem que trouxe comigo tanto do movimento quanto do *kibutz*.

### O movimento *vis-à-vis* e nossa crise de Erez

Era natural que a crise do nosso *garin* no *kibutz* Erez afetasse a geração que nos substituiu na liderança do movimento, daqueles que acompanhavam de perto nossos passos, nossa integração e desintegração. Creio que isto concorreu para certas mudanças que ocorreram na *tnuá*, como a liberalização dos estudos universitários e o fechamento da *hachshará* em Jundiaí.

Houve um desgaste na narrativa ideológica do movimento, que, na visão de hoje, seriam processos naturais que aconteceriam de qualquer maneira. Podem ser vistos como consequência de imperativos e mudanças históricas dos anos de 1960, do desgaste do socialismo, das mudanças ocorridas em Israel e no próprio movimento kibutziano.

Voltei ao Brasil como *sheliach* do *kibutz* em 1970 e aí encontrei um movimento diferente do que eu conhecia, no qual tudo estava liberalizado. Não havia um código claro do que fazer e não fazer, nem aspirações como as que nós tínhamos de ser vanguarda e elite da juventude judaica do Brasil. A *aliá* continuou sendo a meta e parte integral da ideologia sionista socialista do movimento, porém sem a chama pioneira do pioneiro revolucionário. Contudo, a estrutura do movimento

<sup>123</sup> Veja artigo do Oscar Zimmermann (Chico) nesta coletânea.

<sup>124</sup> Instituição fundada em 1920 por Chaim Weitzman em Londres, com a finalidade de angariar fundos do povo judeu para financiar a Agência Judaica e a Organização Sionista Mundial, promovendo a *aliá*, o estabelecimento de colônias judaicas e a criação de infraestruturas necessárias para o funcionamento de um Estado, como o Banco Nacional, a companhia de navegação Zim, etc. Com a declaração do Estado de Israel em 1948, a Agência Judaica cuidou basicamente da *aliá* e da absorção em Israel de mais de 3 milhões e meio de imigrantes, de 1948 até hoje.

juvenil é uma ideia vencedora, já que centros comunitários judaicos e até sinagogas e comunidades aderiram a esta forma, e, por mais incrível que pareça, os movimentos juvenis clássicos continuam a atuar em todas as comunidades judaicas no Brasil, sendo o Dror *Habonim* o mais atuante de todos, com as mesmas estruturas de *shnat hachshará*, aliá individual e em grupos.

### **Adamá-admatí (Terra, minha terra)**

Apesar da formação ideológica que nos motivou a trabalhar na terra, a nos produtivizar e nos transformar, nós, judeus da Diáspora, em pioneiros de sociedades agrícolas coletivas, na realidade, poucos de nós almejavam de fato ser agricultores. A ideologia chocou-se com nossas aspirações pessoais inclinadas para os estudos universitários. No final, poucos *chaverim* do *garin* escolheram profissões ligadas à terra.

Apesar de sonhar com o estudo do teatro, trabalhei durante cinco anos na agricultura, com a sensação de que era o preço que teria que pagar para integrar-me ao *kibutz*. Aprendi e absorvi o princípio de que o trabalho é o valor básico do *kibutz*. Esforcei-me e desfrutei, e gostei do trabalho físico, porém inconscientemente, no íntimo, sabia que esta não seria minha realização pessoal. Sabia que não seria um agricultor feliz, mas convivi com esta dicotomia durante muitos anos, pois isto fazia parte do *ethos* do *kibutz* e de nossa identificação pioneira.

### **O que ficou? Valeu a pena?**

Como testemunha da crise de nossos ideais em retrocesso e declínio, é fácil apagar-se ao niilismo e ao ceticismo em relação à esperança de um mundo melhor, com ideais de tolerância, justiça social, solidariedade e fraternidade. Não creio que nossa narrativa de hoje seja apenas história, com boa formação e boas amizades, como afirma o Bernardo Kucinski<sup>125</sup> em suas memórias na edição comemorativa dos 60 anos da *tnuá*<sup>126</sup>.

Será que o mundo e a Israel de hoje são o que desejávamos deixar como herança às futuras gerações? Será que nossos ideais estão ultrapassados? Que tudo não passou de uma utopia?

Sei que não mudamos o mundo nem a natureza humana; houve um retrocesso nos ideais e princípios básicos do socialismo e do *kibutz*; o próprio capitalismo demonstrou um enorme poder de sobrevivência, adaptando-se às realidades e mudanças estratégicas e táticas; também o *kibutz* passou por uma metamorfose profunda, em que grande parte de sua forma de ser mudou, deixando uma pequena fresta para a solidariedade social.

Do ponto de vista sionista, sim, fomos testemunhas e partícipes de um enorme desenvolvimento. Dos anos de nossa juventude aos nossos dias, mais de 3 milhões

<sup>125</sup> Veja suas memórias nesta coletânea.

<sup>126</sup> Movimento juvenil afiliado ao partido trabalhista israelense, equivalente ao Dror *Habonim* do Brasil.

de judeus fizeram *aliá*, trazendo aportes, novos desafios e problemas provenientes da “reunião das Diásporas” (*kibutz galuio*) que, por si só, é o maior desafio do sionismo ao tentar criar, após 2 mil anos na Diáspora, um novo povo judeu em sua terra ancestral.

Em *Esperando godot*, peça teatral de Samuel Becket, dois vagabundos perambulam pelo mundo vivendo a vidinha do dia a dia à espera de Godot. Esta espera é a motivação do porquê de viver, sonhar e aspirar por (messias ou não), algo diferente que está por chegar.

Sinto-me feliz por ter pertencido a estes dois marcos, o movimento e o *kibutz*, que me formaram e me deram conteúdo e significado à vida, deixando marcas profundas em minha forma de ser e atuar.

“Agradeço à vida, que tanto me deu” (da canção “Gracias a la vida”, de Violeta Parra).